

INSTALAÇÃO / INSTALLATION

15 out. oct. 21h30 – 24h
16 – 17 out. oct. 15h – 20h
Fábrica de Cultura de Minde

15 out. oct. 21h30 • Abertura / Opening
Recital Charales Chorus

Subterrâneo

Bruno Caracol

Subterrâneo tem como ponto de partida o conto Fragmentos de História Futura, de Gabriel Tarde. Que inquietações te trouxe este texto, para trazeres uma obra do século XIX para o século XXI?

O conto está, por várias razões, localizado no seu tempo, sobretudo nas formas tecnológicas que descreve brevemente. Ainda assim, talvez diga mais do nosso tempo do que do seu. Sendo um pouco cruel com Gabriel Tarde, pode dizer-se que vivemos a sua utopia, uma sociedade em aparente desmaterialização relacional, em que os mais pequenos gestos são quantificáveis e operacionais na mecânica geral da economia. Não que o nosso tempo seja utópico, nem que seja o que é por causa de Tarde (tanto o autor como o texto caíram durante décadas no esquecimento). É, sobretudo, um visitante estranho, alguém que desde outro tempo vislumbrou algo semelhante ao nosso, descrevendo-o com o desejo com que se escreve um conto utópico. De alguma maneira conhecemos melhor que Tarde o mundo que descreveu, olhar para o seu texto é como olhar-nos de longe.

A ideia de trabalhar acerca de um tempo pós-apocalíptico e de uma sociedade utópica a partir de um texto, surge como exercício de exploração artística destas referências e ambientes, ou pretende também despoletar reflexões para o presente?

Tal como Tarde e o seu futuro aquecido a carvão, não é possível para mim escapar do tempo em que vivo. Há uma sensação geral de estarmos numa encruzilhada, de que os problemas com que nos deparamos ultrapassaram as formas de gestão da crise construídas nos últimos séculos. Essa sensação não será nova, é provável termos de a partilhar com vários momentos do passado. A crise é uma constante. Há vivências apocalípticas várias a conviver com o nosso mundo relativamente ordenado, pode-se dizer mesmo que fazem parte da sua ordem. Ainda assim, este recente florescer da visibilidade da crise abre espaço para pensarmos que outros mundos podiam crescer nas ruínas deste. Isto põe-se como forma de olhar para o quotidiano, com a pergunta “e se isto pertencesse a outro mundo?”

A tua pesquisa está muito ligada a lugares específicos. O que encontraste de particular na Serra d’Aire e Candeeiros?

Em primeiro lugar, ainda de longe, a riqueza espeleológica desta serra permitia construir um cenário para este mundo Subterrâneo. A pesquisa incidiu sobre a história humana e em torno destas grutas, permitindo-me preencher este mundo de vivências concretas, lutas, conflitos e colaborações. Uma das histórias que persegui foi a de um algar em Monsanto onde, entre os anos 30 e 40, um grupo subversivo teria escondido armas. Foram apanhados e um deles, de Monsanto, foi obrigado a descer à gruta num cesto para as recuperar. Há um pequeno artigo de jornal, de 1939, sobre o acontecido e umas poucas pessoas conhecem a história. A primeira versão que ouvi era muito breve e incompleta, persegui-la foi também conhecer um pouco da história subversiva da serra, para o qual foi importante o trabalho do Gabriel Feitor, historiador de Alcanena. ¶ Também foi importante o contacto com a biospeleologia, através da pesquisa da Ana Sofia Reboleira, do trabalho do Centro Ciência Viva do Alviela e do Algar do Pena sobre estes seres subterrâneos, muitos deles desconhecidos até há bem pouco tempo.

A instalação incorpora diferentes meios e dispositivos, provenientes da tua pesquisa com jovens e outras pessoas da localidade. Porquê incluir a comunidade (à semelhança de projetos anteriores) e porque é isso importante?

Tanto as oficinas como as leituras do texto são uma forma de poder discutir estes assuntos. No caso das leituras, ler em conjunto e a partir de outros pontos de vista, permite encontrar o que não tinha ainda visto no texto. No caso das oficinas, permite produzir imagens incorporando outras sensibilidades... fazer uma proposta de jogo e ver onde vai parar. Não tanto para fazer destes interlocutores “embaixadores” do lugar no projecto, mas para ver como ressoam as questões que estou a levantar. É uma forma de descobrir caminhos para a pesquisa.

Subterrâneo is based on the story Fragments of Future History by Gabriel Tarde. What concerned you about this text, as far as bringing a work from the 19th century to the 21st century?

The story is, for several reasons, set in its own time, especially in what concerns the technologies it describes briefly. Even so, perhaps it says more about our time than its own. To be a little cruel to Gabriel Tarde, we can say we live in his utopia, a society in apparent relational dematerialization, in which the smallest gestures are quantifiable and operational within the general mechanics of the economy. Not that our time is utopic, nor that it is Tarde’s fault (both the author and the text were forgotten for many decades). He is, above all, a strange visitor, someone who foresaw something similar to our time from a different time, describing it with the desire with which one writes a utopic story. In some ways, we know the world Tarde described better than he did, looking at his text is as if looking at ourselves from afar.

Does the idea of working on a post-apocalyptic time and a utopic society from a text arise from an exercise of artistic exploration of these references and environments, or does it also intend to trigger reflections on the present?

Just like Tarde and his coal-heated future, I cannot escape the time I live in. There is a general sense of being at a crossroads, that the problems we face go beyond the crisis management forms we’ve built over the last centuries. This sensation is probably not new; we probably have to share it with several moments in the past. Crisis is a constant. There are several apocalyptic experiences sharing our relatively ordered world, we can even say they are part of its order. Even so, this recent flourishing of the visibility of crisis opens us up to thinking about what other worlds could rise from the ruins of this one. This is posed as a form of looking at the day to day, with the question “what if this belonged to another world?”

Your research is very connected to specific places. What in particular did you find in the Serra d’Aire e Candeeiros region?

First of all, even from afar, the speleological richness of this sierra allowed us to build a backdrop for this subterranean world (Subterrâneo). The research was around human history and these caves, allowing me to fill out these concrete experiences, battles, conflicts and collaborations. One of the stories I pursued was that of an algar (cave) in Monsanto where, between the 1930s and 40s, a subversive group hid weapons. They were caught and one of them, from Monsanto, was forced to descend into the cave to retrieve them. There is a small newspaper article from 1939 on the subject, and few people know about it. The first version I heard was very brief and incomplete; pursuing it also was to get to know a bit about the subversive history of the sierra, for which the work of Gabriel Feitor, Alcanena historian, was important. The contact with the biospeleology was also important, through the work of Ana Sofia Reboleira, of the Centro Ciência Viva of Alviela and of the Algar do Pena, with regards to these subterranean beings, many of them unknown until very recently.

The installation incorporates different means and tools, as a result of your research with young people and other people from the local surroundings. Why include the community (as in previous projects), and why is that important?

Both the workshops and the readings of the text are a way to discuss these topics. In the case of readings, to read together, and from other points of view, allows me to find what I hadn’t yet seen in the text. And the workshops enable us to produce images incorporating other sensibilities... to propose a game and see where it leads. Not so much for these contacts to be “ambassadors” from the location of the project, but to see how the questions I am raising resonate. It’s a way of discovering paths for the research.

Bruno Caracol (1980). Estudou Artes Plásticas na FBAUL e Ciências da Comunicação na FCSH-NOVA. Em 2020 produziu a instalação “quando a matilha cerca o fogo” para o Rural Vivo Gerês. Em 2019 foi residente no Lugar a Dudas, em Cali, e em Can Serrat, Barcelona. Em 2018 participou do Linha de Fuga, em Coimbra, do Shocklab, em Loulé, da Floating University, em Berlim, e do festival A_Salto, em Elvas. Em 2017 completou um mestrado em Ciências da Comunicação na FCSH-NOVA, em torno da construção moderna da ideia de “natureza selvagem”. Entre 2009 e 2011 colaborou com a residência Capacet, no Rio de Janeiro. Durante esse período, participou no programa de exposições do CCSP, em São Paulo, e com Maria Moreira e Marcelo Wasem organizou um ciclo sobre colectivos de artistas no Rio de Janeiro, “Jogos de Escuta”.

Bruno Caracol (1980). He studied Fine Arts at FBAUL and Communication Sciences at FCSH-NOVA. In 2020 he produced the installation “when the pack surrounds the fire” for Rural Vivo Gerês. In 2019 he was resident at Lugar a Dudas, in Cali, and at Can Serrat, Barcelona. In 2018 he participated in Linha de Fuga, in Coimbra, Shocklab, in Loulé, Floating University, in Berlin, and the A_Salto festival, in Elvas. In 2017 he completed a Masters in Communication Sciences at FCSH-NOVA, around the modern construction of the idea of “wild nature”. Between 2009 and 2011 he collaborated with the Capacet residency in Rio de Janeiro. During this period, he participated in the CCSP exhibition program in São Paulo, and with Maria Moreira and Marcelo Wasem he organized a cycle on artists’ collectives in Rio de Janeiro, “Jogos de Escuta”.

Criação / Creation Bruno Caracol Leituras por / Readings by Boca de Cena Tradução para Minderico / Translation to Minderico Maria Alzira Roque Gameiro Apoio arranjo coral / Choir arrangements support António Lourenço Menezes Apoio espeleológico / Speleological support Ricardo Nogueira Projecto apoiado pela / Project supported by DGArtes e por / and by Centro Ciência Viva do Alviela, Junta de Freguesia de Monsanto, Museu Décio Thadeu, Centro de Interpretação do Algar do Pena, Oficinas do Convento, Roquelã, Fábrica de Malhas Esmeralda Pesquisa prévia em / Previous research in Can Serrat, Barcelona e Lugar a Dudas, Cali (apoio Fundação Gulbenkian)